

## Destaque Rural Nº 225

10 de Abril de 2023



### **NORMALIZAR A EXCEPCIONALIDADE DE EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS E DESNATURALIZAR OS DESASTRES EM MOÇAMBIQUE**

**Luís Artur**

#### **RESUMO**

A cada ano vão se dissipando as dúvidas quanto à ocorrência, em Moçambique, de eventos climáticos extremos, e desastres a eles ligados. Já não se trata de perguntar ‘se vai acontecer e quando?’; para estas perguntas temos resposta: sim, vai acontecer e tudo indica que anualmente. A única pergunta para a qual ainda temos algumas dúvidas sobre a resposta e, quiçá, nos próximos anos conseguimos responder, é: onde isso vai acontecer? Este cenário de certezas crescentes sobre o risco de desastres obriga-nos a repensar o modelo hegemónico de gestão dos desastres no país que olha, essencialmente, os eventos extremos como *excepcionalidades* da época chuvosa e ciclónica - fora da normalidade. E, como tal, tendem a ser tratados como aspectos residuais no processo de planificação e implementação de políticas e programas de desenvolvimento nacional. Neste Destaque Rural propõe-se um modelo de gestão de desastres que olha para os eventos extremos como uma nova normalidade no país para a qual precisamos de nos adaptar. Por outro, advoga-se que os desastres daí provenientes não são naturais; resultam da nossa preparação, como sociedade, para lidar com estes eventos. Não podemos mudar de país, mas podemos aprender a melhor conviver com os riscos climáticos.

#### **CONTEXTUALIZAÇÃO**

O início do ano de 2023 foi bastante “produtivo” quanto à ocorrência de eventos extremos. Em princípios de Fevereiro de 2023 uma frente fria instalou-se no Sul de Moçambique e partes da República da África do Sul e do reino da ESwatini provocando precipitações sem precedentes no país e na região. Em uma semana, Maputo teve uma precipitação que, em condições normais, seria de 4 meses<sup>1</sup>. Estas precipitações forçaram o aumento de descargas das barragens a montante, na África do Sul e ESwatini. Estas descargas, aliadas à precipitação que já se fazia sentir na província de Maputo, aumentaram, de forma drástica, a retenção de água na barragem dos Pequenos Libombos, obrigando os gestores a fazerem descargas

---

<sup>1</sup> Comunicação à nação de S. Exia Filipe Jacinto Nyusi, Presidente da República de Moçambique no âmbito da emergência. 14 de Fevereiro de 2023

urgentes e muito acima do habitual, passando de 70 para 118m<sup>3</sup>/s<sup>2</sup>, de modo a garantir a segurança da infra-estrutura. Estas descargas vieram exacerbar um contexto de solos já bastante saturados e fragilidades ambientais e socioeconómicas enraizadas ao longo do tempo<sup>3</sup>.

O resultado foi cerca de 40 mil pessoas afectadas na cidade e província de Maputo<sup>4</sup>, com quase metade a ser obrigada a sair das suas casas e viver em centros de acomodação<sup>5</sup>. Perdas e danos definitivos ainda estão por avaliar.

Enquanto ainda se refazia do problema das cheias e inundações da província e cidade de Maputo, o país é atingido, em finais de Fevereiro e início de Março, pelo ciclone Freddy. Freddy poderá ser um ciclone histórico para o mundo por se suspeitar que tenha batido vários recordes: 1) do ciclone activo mais longo- cerca de 40 dias; 2) com a maior trajectória feita - cerca de 9.000Km; 3) que mais energia produziu-87.01 ACE; 4) que mais vezes ganhou força quando parecia dissipar-se - 7 intensificações rápidas depois de perder dinâmica<sup>6</sup>. Os impactos cumulativos do Freddy ainda são desconhecidos, mas dados preliminares até ao dia 16 de Março indicavam: 540.563 pessoas afectadas, 348 feridos, 76 óbitos, 80.307 hectares de culturas diversas perdidas, 33.292 casas totalmente destruídas, 80 unidades sanitárias danificadas, 1.991 salas de aulas danificadas, 499 postes de energia afectados, entre outros impactos<sup>7</sup>.

---

<sup>2</sup> Televisão de Moçambique. Disponível em <https://www.tv.mz/index.php/noticias/educacao/item/10444-barragem-dos-pequenos-libombos-aumenta-volume-de-descargas-de-agua> Acessado a 15 de Março de 2023

<sup>3</sup> Matule, E. & Macarringue, L. (2020) *Avaliação da vulnerabilidade de perda de solos no distrito de Boane em Moçambique*. Revista Sociedade e Natureza. DOI: 10.14393/SN-v32-2020-46916; Tamele. J.(2022) *Redistribuição de Terra em Boane: Priorização da habitação para as elites urbanas em detrimento da agricultura familiar*. Destaque Rural 152. OMR, Maputo

<sup>4</sup> Ibid, Comunicação do Presidente da República

<sup>5</sup> <https://www.rm.co.mz/dez-centros-de-acomodacao-para-cerca-de-18-mil-pessoas-vitimas-das-inundacoes-na-provincia-de-maputo/>

<sup>6</sup> <https://public.wmo.int/en/media/news/tropical-cyclone-freddy-may-set-new-record>. Acessado a 18 de Março de 2023. Cappucci, M. (2023). "[Deadly cyclone Freddy has become Earth's longest-lived tropical storm](#)". *The Washington Post*. Acessado a 12 de março de 2023. Masters, J. (2023) "[Record-breaking Cyclone Freddy approaches Mozambique — again](#)". Yale Climate Connections. Acessado a 13 de Março de 2023. Cappucci, M. (2023). "[Lashing Mozambique, Freddy has become Earth's most energetic cyclone on record](#)". *Washington Post*. ISSN 0190-8286. Acessado a 14 de Março de 2023.

<sup>7</sup> INGD (2023) Ponto de Situação: frente fria, tempestade tropical moderada e ciclone tropical Freddy 16.03.2023- dados preliminares. Maputo

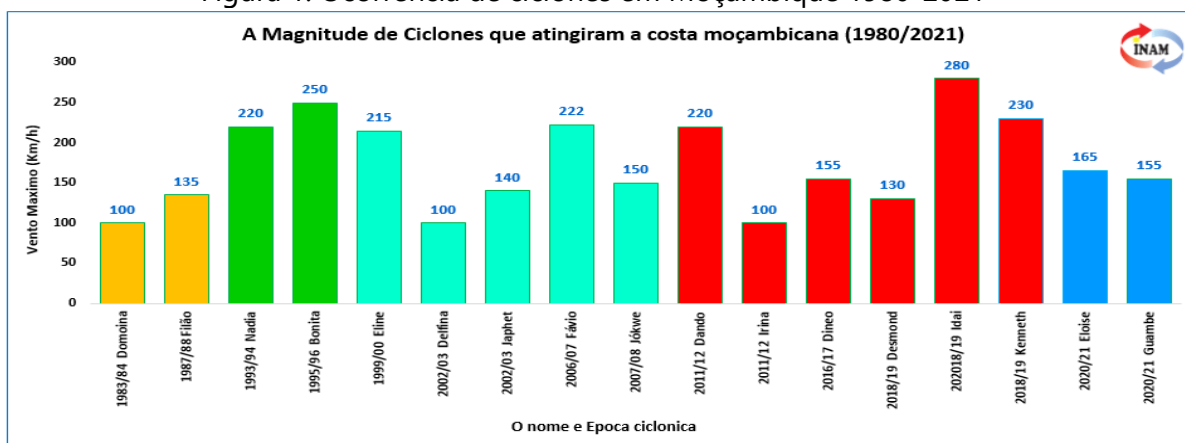
## TENDÊNCIAS DAS EXCEPCIONALIDADES E A NECESSIDADE DE NORMALIZAÇÃO

### *Serão estes eventos excepcionais?*

Os eventos climáticos extremos vieram para ficar no país. Não é mais uma questão de 'se vai acontecer e quando vai acontecer?'. Temos agora certeza de que irão acontecer e, tudo indica, que será anualmente; apenas não sabemos, por enquanto, onde será o epicentro da crise. Todos os dados disponíveis indicam que a frequência e intensidade de eventos extremos aumentou no mundo e, no país, em particular. Exemplificando, globalmente o mundo teve, somente em 2021, mais desastres que em todo o período de 20 anos antecedentes (2001-2020). Para ser mais preciso, 432 desastres em 2021 contra 347 no período 2001-2020 e, em apenas 1 ano (em 2021) tivemos, ao nível mundial, mais ciclones e cheias do que nos 20 anos antecedentes<sup>8</sup>. E, enquanto pouco se fizer, tanto na mitigação, como na adaptação, iremos, continuamente, quebrar recordes desagradáveis. O relatório mais recente da autoridade máxima nos assuntos das mudanças climáticas (o IPCC), enfatiza que, para qualquer cenário possível e imaginário, não há como descartar a ocorrência de eventos extremos ao longo dos próximos anos por mais que, num cenário otimista, se consiga reduzir as emissões para garantir aumentos de temperatura não superiores 1.5°C<sup>9</sup>.

Moçambique segue (perigosamente) a mesma trajetória global. Os últimos 20 anos testemunharam 3 vezes mais ciclones que os 20 anos precedentes. E, não aumentou apenas a frequência; aumentou também a magnitude, ou seja, o potencial destrutivo dos mesmos (figura 1 abaixo)<sup>10</sup>.

Figura 1: Ocorrência de ciclones em Moçambique 1980-2021



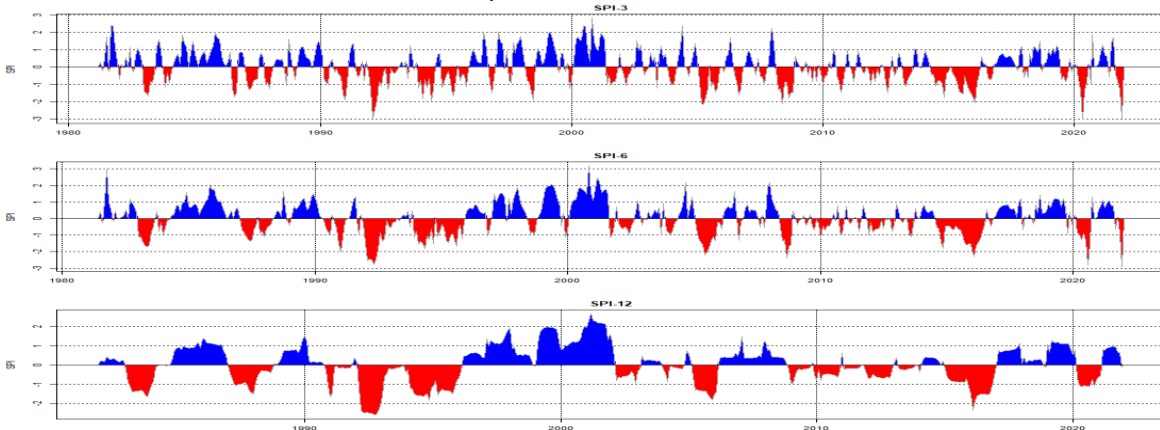
<sup>8</sup> EM-DAT (2022) 2021 disasters in numbers. CRED, UCLouvain, Bélgica.

<sup>9</sup> IPCC (2022) Assessment Report 6 (AR6). Summary for policy makers. Cambridge University Press, US e UK. Vide secção B3.

<sup>10</sup> INAM (2022) Ocorrência de ciclones em Moçambique 1980-2021. Maputo

Outros eventos seguem o mesmo caminho: o período de retorno de seca meteorológica severa, baseada no SPI (Standard Precipitation Index), reduziu de cerca de 6-7 anos para 4-5 anos (cálculos feitos a partir de resultados apresentados na figura 2, abaixo)<sup>11</sup>.

Figura 2: Índice de precipitação estandardizada (SPI) em Moçambique no período 1980-2021



Trabalhos mais recentes, realizados pelo INGD e parceiros, fazem-nos acreditar que, afinal, o país não tem 31 distritos com características áridas e semiáridas, como se tem advogado, mas acima de 50<sup>12</sup>. Na prática, isto significa que aumenta o espectro do número de pessoas a precisar de atenção especial no contexto de secas.

As cheias e inundações são-nos familiares. Dada a nossa localização geográfica, a jusante de grandes bacias hidrográficas internacionais, aliada aos regimes sazonais actuais de precipitação bastante concentrada num período curto, a grande degradação ambiental, e a pobre infra-estrutura de retenção ou escoamento das águas, Moçambique é assolado, todos os anos, por eventos de cheias e inundações.

Num cenário como este é inacreditável que continuemos a olhar para eventos extremos como excepionalidades dentro duma normalidade climática que não VEMOS. E, isso tem repercussões em termos de políticas e estratégias de desenvolvimento do país e, na forma como organizamos a nossa sociedade. Considerar excepionalidades algo que virou um novo normal é, no mínimo, falta de responsabilidade colectiva.

<sup>11</sup> Artur, L.; Sitole, R.; Lisboa, S.; Famba, S. (2022) Scoping study for the development of drought anticipatory action protocol. Maputo

<sup>12</sup> INGD e PMA (em preparação). Relatório da proposta de actualização do mapa nacional dos distritos áridos e semiáridos apresentado ao Grupo técnico para acções antecipadas a seca à 9 de Março de 2023.

Mas, estes eventos não precisam de se tornarem em desastres. Eles devem cativar o nosso interesse pela inovação na forma de pensar e fazer as coisas. Como se diz na gíria popular 'não se pode esperar resultados diferentes fazendo as mesmas coisas'. Os nossos movimentos repetitivos são a enxada que está abrindo a nossa sepultura colectiva. Os eventos extremos até podem ser naturais, mas os desastres que daí advém são o reflexo da nossa construção social. E, esta, nós podemos modificar.

### **DESNATURALIZANDO OS DESASTRES: A MINHA, A SUA E A NOSSA RESPONSABILIDADE COLECTIVA**

O discurso actual à volta de desastres põe um grande peso na mãe natureza. É tão fácil e rápida a forma como designamos os desastres por naturais! É um discurso popular que se fabrica e se reproduz todos os dias. Mas, a mãe natureza é benevolente; sem ela nós não existimos. Ela cuida de nós e nos ensina o caminho correcto da vida e da prosperidade. O discurso de atribuição de desastres à natureza é incorrecto e perigoso. Retira as nossas responsabilidades individuais e colectivas, não adiciona nada ao nosso processo de crescimento colectivo e limita as oportunidades reais de aprender a lidar com eventos extremos futuros. Ficamos fatalistas: *'é a natureza, não podemos fazer nada'* e desenvolvemos um modelo social reactivo que perpetua o sofrimento. Na verdade, os desastres, apesar dos males que podem trazer, são a nossa grande oportunidade de aprender e continuamente melhorar o nosso modelo organizacional como sociedades. Todas as sociedades que não aprendem e se adaptaram aos desastres sucumbem com o tempo. E, a naturalização de desastres, assim como o desenvolvimento de modelos reactivos a isto associados, é a receita perfeita para este suicídio colectivo. O problema, porém, é que a nossa velocidade de aprendizagem e de adaptação devem ser mais rápidas do que a que estávamos acostumados. O tempo que nos separa do suicídio colectivo é curto; os eventos extremos já fixaram residência nas nossas casas.

A vasta literatura de estudos de desastres e, não é de hoje, converge para a definição unânime de desastres como eventos que emergem da intersecção entre uma ameaça natural (como o ciclone) ou social (como o conflito) ou ainda ambos, que ocorre numa sociedade despreparada, onde reina alta exposição, alta vulnerabilidade (física, ecológica, social, económica, cultural, institucional) concorrendo para alta susceptibilidade e fragilidade, e pouca resiliência<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Blaikie, P.; Cannon, T.; Davies, I.; Wisner, B. (2004). At risk. Natural hazards, people's vulnerability and disasters. 2a edição, Routledge. Birkmann, J.; Cardona, O.; Tibaduiza, M.; Barbat, A.; Pelling, M.; Schneiderbauer, S.; Kienberger, S.; Keiler, M.; Alexander, D.; Zeil, P.; Welle, T. (2013). Framing vulnerability, risk and societal responses: The MOVE framework. Natural Hazards. 67. 193-211. 10.1007/s11069-013-0558-5. Artur, L. (2022) Vulnerability and resilience in a complex and chaotic context: Evidence from Mozambique

Neste sentido, reduzir desastres leva-nos a duas opções: reduzir a ocorrência e intensidade do evento- o que é muito difícil para os eventos naturais dentro dos limites actuais da nossa intelectualidade colectiva; ou, reduzir a exposição, vulnerabilidade e aumentar a resiliência - o que mexe com o funcionamento da nossa sociedade e os processos de governação em curso. Para exemplificar, analisemos a figura 3 abaixo<sup>14</sup>.

Figura 3: Casa danificada no contexto da passagem do ciclone Freddy em Inhambane



A parte da casa que desabou deveu-se a pelo menos dois factores importantes: 1) a força do coqueiro; e 2) a fragilidade da casa. Para evitar que isso acontecesse teríamos as opções: 1) cortar antes, o coqueiro e/ou os ventos que forçaram a queda do coqueiro; ou 2) tornar a casa mais resistente. Na impossibilidade de cortar o vento e o coqueiro, teríamos uma única opção: tornar a casa mais robusta. Neste exemplo, o vento e o coqueiro representam a nossa ameaça (como o ciclone) e a casa frágil seria a nossa sociedade.

A redução de vulnerabilidade e o aumento da resiliência não se fazem dias antes ou durante o evento, mesmo que nos pareça e nos convençamos, no imediato, que isso ajudou. Este é apenas o momento de colhermos o que plantamos ao longo do(s) ano(s); representa o momento de fazermos o balanço do que fomos fazendo de Janeiro a Dezembro de cada ano; do dia 1-31 de cada mês e ao longo das 24 horas de cada dia. E, nenhuma decisão tomada nestes dias, e sobretudo por pessoas alheias ao dia-a-dia local, irá alterar substancialmente o curso da história. Voltando ao nosso exemplo da figura 3, evacuar a

---

in: Hilhorst, T. & Bankoff, G. (Eds) Why vulnerability still matters. The politics of Disaster Risk Creation. Routledge.

<sup>14</sup> Retirada do site do Club of Mozambique em: <https://clubofmozambique.com/>. Acessado a 18 de Marco de 2023

família antes da queda do coqueiro ajuda a salvar vidas se formos a tempo; mas, não retira o facto de que, ao tombar o coqueiro, por mais pequeno que o mesmo seja, como a própria imagem sugere, ele vai danificar a casa porque esta é frágil. E, focar atenção na força do coqueiro, em vez de na fraqueza da casa, é desviar o foco do essencial. A construção da resiliência deve estar impregnada em todas decisões do dia-a-dia, começando por questionar a base que suporta as nossas decisões.

O processo de tomada de decisões deve ser, no contexto actual, primeiro, suportado por um conhecimento na lógica duma nova normalidade - de desnaturalização de desastres e visualizando o futuro. E, parece-nos que as actuais decisões não usam suficientemente esta base; elas estão presas à lógica de excepcionalidade e naturalidade de desastres. Segundo, as decisões num contexto de nova normalidade devem ser executadas com base em instrumentos reguladores (leis, estratégias entre outros) que estejam ajustados a esta nova normalidade. Parece-nos que, aqui também, precisamos de visitar. Terceiro, as leis e outros instrumentos que orientam uma visão futurista e resiliente devem ser implementadas e/ou geridas por instituições com pensamento assente nesta lógica futurista de desnaturalização de desastres e normalização de eventos extremos, e parece-nos que, aqui também, precisamos de melhorar. Finalmente, mas não menos importante, a implementação de acções deve ser gerida por lógicas de financiamento que dinamizam a resiliência, substituindo, por exemplo, o clientelismo por meritocracia.

Os conteúdos são da exclusiva responsabilidade dos autores, não vinculando, para qualquer efeito, o Observatório do Meio Rural nem os seus parceiros ou patrocinadores

**E-mail:** [office@omrmz.org](mailto:office@omrmz.org)  
**Endereço:** Rua Faustino Vanombe, nº 81, 1º Andar.  
Maputo – Moçambique  
[www.omrmz.org](http://www.omrmz.org)